

Epístolas, Sátiras e outras composições

de Correia Garção

ÍNDICE:

EPÍSTOLAS

- Se à sombra dos loureiros sempre verdes
- Qual sórdido pedreiro que doente
- Se não te enjoas de comer sem pompa
- Se em teus constantes ombros firmemente

SÁTIRAS

- Coridon, Coridon, que negro fado
- De um novo frenesi hoje enlouquece
- Não posso, amável Conde, sujeitar-me

DITIRAMBOS

- Baco, Elpino, cantemos; dá-me o Brómio
- Os brilhantes trançados enastrando

ROMANCES

- « – Desce, ó santo Himeneu; a sacra teia
- Subi, Senhor, ao trono lusitano

REDONDILHAS

- Amo Espírito divino
- Cuidava que Briolanja
- De que me serve o querer-te
- Do campo de Rio-frio
- Em mil agonias
- Marte, faze-te da moda
- Quem amor não tem
- Tudo faz o padre António

FALA DO INFANTE D. PEDRO

- Não, lusitano Povo, eu não conto

EPITÁFIO

- Aqui jaz um malhado, bom rafeiro

EPÍSTOLAS

I

Se à sombra dos loureiros sempre verdes,
Que nascem junto às águas de Aganipe,
Inda, Amigo, te encostas sossegado;
Se das soltas correntes que do cume
Do frondoso Parnaso estão caindo
Por entre frias e musgosas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes;
Se as graciosas Musas te rodeiam;
Encosta a curva lira sobre o peito,
As áureas cordas fere, escreve a Olino.
Se a rima, como escravo, te traz preso,
Perdida a liberdade, ao duro cepo,
Quebra as fortes cadeias; não é justo
Que o contínuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo que na ideia nasce.
Não busques pensamentos esquisitos
Em denegridas nuvens embrulhados;
Não tragas, não, metáforas violentas,
Imitando esse Corvo do Mondego,
Que entre os cisnes do Tejo anda grasnando;
Usa da pura língua portuguesa,
Que aprendido já tens no bom Ferreira,
No Camões imortal, em Sousa e Barros;
Em Grego não me escrevas, nem Latim.
Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda presa
No pensamento trazes a cachopa;
Se com três companheiros numa banca
De pano verde ornada o whist jogas;
Se ouves falar Francês; e se inda lavra
O mal de que hoje tantos adoecem –
Falo daquela praga desastrada
Dos enfermos poetas que não querem
Os remédios tomar para sararem.
Conta-me em que exercícios vás gastando
O tempo, que lá tens; se ao som do rio
Compões os brandos versos, com que arrancas
Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados cedros para ouvir-te.
Eu, Amigo, depois que te deixei,
Triste vejo nascer e pôr-se o sol;
Os mais dos dias passo em minha casa
Sentado num banquinho, e recostado
Numa despida banca; poucos livros,

Algun papel, com penas e tinteiro,
É quanto só me adorna o estreito quarto.
Alguns Amigos tenho, mas distantes;
Nem cavalos, nem segas à boleia
Tenho para tão longe ir visitá-los:
Temo de sair fora... ah não te engano,
Temo de sair fora: Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e de estoutra
Me atropela a saloia c'o seu macho;
Um vem à rédea solta no rabão,
Outro corre no coche à desfilada;
Para esta parte fujo, eis que de cima
Sobre mim vem a suja caldeirada;
Os confusos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atroam com seus gritos:
«Quem as flores merca». Outro os polvilhos.
Então eu cá comigo vou dizendo:
– De que servem polvilhos a um poeta,
Se a um filho de Apolo o verde louro
É o melhor adorno, é todo o fruto? –
Desta sorte não posso, caro Amigo,
Novidades contar-te cá da Corte.
Pois que te contarei? Eu sei somente
Que entram naus pela barra e saem naus
Com as velas inchadas; sei que corre
Para o cerúleo mar o louro Tejo;
De Lisboa e das cortes estrangeiras
Não saberei dizer-te cousa alguma,
Que o tempo todo gasto em ler Virgílio
No meu pobre, mas certo domicílio.

II

Ao Senhor João Evangelista

Qual sórdido pedreiro que doente
De um hospital jazeu no leito pobre,
Quando torna dali convescido,
Mais esbelto, pelado e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta e colher, tudo lhe falta,
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas mais que as de Lamego,
Em fúnebres ideias mal gastadas,
Com penas e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso:
Dos olhos me fugiu o santo lume
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fátuo me tivera, se a Fortuna,
Em câmbio da alegria que me rouba,
Me desse dous rabões, com três lacaio,
Brilhantes, rendas finas e veludos,
Que becas são de tolos e casquilhos.
Mas de Poeta, Amigo, só me resta
Desastres e misérias: filhos rotos,
De valadio o tecto, a vinha calva,
Caseiros, arquitectos e criados
Mais duros que as catastas de Perilo.
E neste bom estado me provocas
A cantar e tanger na doce lira!
Que há-de fazer um cisne desasado,
Um cansado rocim, que já não chega
À meta desejada sem mil vezes
Cair, dando aos ilhais, na lisa areia?
Mas se pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heitor, dos férvidos cavalos
Do colérico Aquiles arrastado,
Tingindo a dura terra o negro sangue?
Suponho que a metáfora percebes:
O Nádegas, que viste esfrangalhado
A passapelo vir da pobre aldeia,
Porque lhe devo já uns tantos meses,
Me ralha e me governa focinhudo;
C'o rabo agasalhado, já capeia
As aias, as rascoas da cozinha.
Eu dele me recato: só me falta
Lucrécia vir a ser deste Tarquínio.
Agora te ris tu; e Manuel Gomes,
O nariz encrespando, te pergunta
Que fábulas são estas? Não lhe expliques

O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convém que criados tudo saibam.
Dize-lhe que sou doido; que desprezo
Opulentas heranças; que inflexível,
Com semblante sereno e sossegado,
Não me cansa sofrer a mão pesada
Da fome e da penúria; não me espanta
A carregada nuvem da Desgraça,
Que aos olhos me fuzila há já dez anos.
Nem sonho com perdizes, nem lampreias;
Com mui pouco se calam meus desejos.
A males sempre afeito, não se acende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, benefícios,
Promessas e presentes pode um velho
O curvo anzol cevar para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca à tona da água.
Eu que o trapo mordida e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cairei em esparrelas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; atento escuta.
Naqueles priscos tempos que falavam
Os animais, as árvores, as pedras,
O cerval Lobo a cálida Raposa
Em juízo acusava, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera.
Um Mono petulante, mas sisudo,
Era o juiz que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao Lobo:
– «Não julgo que te falte o que tu pedes;
Porém creio, ó Raposa, que roubaste
O que negas com tanta subtileza».
Esta fábula, Amigo, nos ensina
Que quem mente por génio e por costume
Quando diz a verdade não é crido.
Agora aplica o conto; e lá contigo
Pesa bem as razões, as vãs promessas
Com que um astuto velho marralheiro
(A ti que leste Tácito e Comynnes)
Te fez estar quieto e alucinado,
Tirando-te, por arte de berliques,
Do nariz cascavéis, fitas da boca.
O prazo de Valdeste são os filtros
Com que esta Circe torna em leões fulvos,
Em sedeúdos porcos grunhidores

Do sábio Grego os fortes companheiros,
Que, em falsas aparências embebidos,
Entram nos paços da famosa bruxa.
Não julgues tão boçal este moleque
Que saia da senzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quiseres,
Nos altos tectos, onde já brilharam
Preciosos rubins, a agasalhar-me;
E sem mais esperança que o desejo
De ver-te, de tratar-te e de passarmos
Bocejando a miúdo as frias noites
Do enregelado Inverno que já chega.
À roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos, dentre o brazido
Saltando as rebordãs que na deveza
O Domingos colheu inda orvalhadas.
Ali te contarei como em Lisboa
Se douram os carrinhos sem dinheiro;
Como tufa o José; como o Lourenço,
Que Duque foi no pátio, Conde em Sintra,
Agora se vai pôr a chapeleiro;
E a pálida infeliz Sebastiana
Condenada a torcer negras prezilhas.
E, se disto me ouvires te enfadasses,
Tangendo a doce Lira em brando verso,
Mil hinos cantaria à tua Laura,
À tua Catarina, Dulcineia
Por quem vences Quimeras e Gigantes.
E tomando no lar um carvão liso,
Te pintara o retrato na parede
Daqueles olhos onde tu suspiras,
Por quem vives e morres de saudade.
Que fácil é sonhar felicidades!
Tu já rico me crês; eu já suponho,
Agora, que te escrevo e que te falo.
Mas esta cena súbito se muda;
O Chico mostra rotos os sapatos;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nádegas dinheiro para a ceia;
À porta está batendo o alfaiate.
Se alguém aos cães lançou os pátrios ossos,
Se foi traidor à Pátria, se é falsário,
Seja lançado a filhos e credores.

III

Se não te enjoas de comer sem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre mesa
Onde não tine a rica porcelana,
Nem cansa os olhos trémulo reflexo
De burnida colher, de refulgente
Britânico saleiro, caro Amigo,
Sábio, ilustre Sarmento; ou não te assusta
O suspeito convite de um poeta
Afeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde tugúrio Noto açouta,
E Áfrico lhe arrepias as leves telhas,
Hoje podes cear na Fonte Santa:
Melhor que o de Falerno, o roxo sumo
Por sórdidos Galegos trasfegado
Na fértil margem do cerúleo Douro
Alegres beberemos. Na cozinha
Estala a seca lenha, brilha o fogo;
O negro bicho ou negro cozinheiro,
Enroscado no espeto fica assando
Um lombo corpulento. Agora deixa
As sérias reflexões, as esperanças
Da branca vara da soberba toga,
Das rascoas vizinhas, lumes fátuos,
Que observas com teu longo telescópio.
A desabrida noite nos convida
A que juntos passemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia.
Teremos bons parceiros, cartas novas,
E em ruivos castiçais de pechisbeque
Arderão duas cândidas bugias.
Já na mesa fumeja o precioso
Natural elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido
Que o pão de cada dia, nesta casa.
Fora uma câ lancemos; que não falta
Quem farte o mole ventre com garofos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas.
Não me namoram fartos testamentos,
Opulentas heranças; a meus Filhos
Basta só que lhes deixe para exemplo
A nobre tradição de que descendem
De um Pai que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;
Que abriu novo caminho para o Pindo;
Que leu e que estudou e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;

Que ilustres bons amigos o buscavam
Como alívio da bárbara tortura
De conversar com Getas e Tapuias.

IV

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Sebastião José de Carvalho e Melo

Se em teus constantes ombros firmemente
O sólio português feliz descansa;
Se a forte mão nos olhos da Justiça
Ata a sagrada venda; se repartes
Co'as ilustres acções o justo prémio,
C'os vícios detestáveis o castigo;
Se ditas as leis santas que seguram
O público sossego, se c'o exemplo
Promoves a virtude, pecaria,
Carvalho excelso, a distrair com versos,
De tão nobre tarefa o teu cuidado.
Porém, Senhor, é justo que a verdade,
Que abertos acha sempre os teus ouvidos,
Uma vez te entretenha c'os louvores
Que todos te votamos; Mazarino
Richelieu ou Colbert, enquanto vivos
A Pátria levantaram, nem por isso
Deixou o cego vulgo de increpá-los;
Foi preciso que a morte lhe escrevesse
Na fria campa os claros elogios.
Porém tu, entre nós vivo e presente,
Mereces e consegues que te louvem.
Louvamos-te, Senhor, porque repulsas
A lisonja infiel, o dolo infame,
A tirana soberba, a vil preguiça;
Louvamos-te, Senhor, porque levantas
A destroçada Pátria das ruínas,
Porque a fazes melhor, porque a despertas
Do bárbaro letargo da indolência.
O comércio florente, que diriges
E que as forças aumentas, nos promete
Uma nova ventura não sonhada
Dos antigos errados interesses
Com malícia somente combinados.
Rompendo as feias sombras da Mentira,
Vem raiando a Verdade; o negro rosto
Tapa com as mãos o Engano, e despojado
Do crédito sofisticado, bramindo,
Vai fugindo de nós e de teu nome:
Assim depois da feia tempestade
Que os mares agitara, que encobriria
A clara luz do sol com pardas nuvens,
Torna a brilhar o dia mais sereno,
Mais alegre e formoso, e no afastado
Inda escuro horizonte ir-se escondendo

As voragens observa o navegante.
Nem sempre o pátrio Tejo como escravo
Há-de sofrer as quilhas estrangeiras
Que as auríferas veias lhe sangravam
Que as forças lhe abatiam, que soberbos
Não exigiam câmbio, mas tributo.
Nem sempre os nossos campos escalvados
Hão-de incultos jazer: o curvo arado
já rasga a fértil terra, em novos sulcos
A mão do lavrador lança a semente;
Já ondeiam nos montes mais agrestes
As compridas varas; pelos vales
Pascem ao som da fruta dos pastores
Os brancos e castanhos armentios;
Enquanto guarda as cabras petulante,
A simples pastorinha do forçado
A não tingida lã tira cantando.
À sombra do teu nome as boas artes
O luso reino a povoar acodem.
Elas, senhor, farão menos preciso
O inútil luxo, dantes animado
Pela falsa tenção de estranha gente.
A glória, o bem comum, os interesses
Da já feliz nação, com teu amparo
A infalível sistema reduzidos,
Nova glória recebem: Minho e Douro
Que os roxos frutos de Lieu produzem
Guardam nos altos choupos enredados
As vides retorcidas, sem que vejam
Colher a alheia mão os doces frutos.
Longo tempo oprimido e manietado
Pela inércia infeliz no rico leito
Jazeu o Grão Pará; o Céu guardado
Tinha só para ti que lhe rompesses
As pesadas algemas: logo o vimos
Abrir os fortes braços, revolvendo
O corpo entorpecido, e fora de água
Alegre sacudir as cãs de prata;
Logo as limosas mãos aos céus erguendo
Com lágrimas banhando o rosto aflito
Ao sempre eterno Autor da Natureza
Que te guarde, lhe roga, que te guarde
Porque o jugo cruel da Hipocrisia
Com heróico valor despedaçaste:
Para os fragmentos olha, e curva mostra
Atrelada cerviz. Vê-se a Cobiça
Que precárias doutrinas lhe ensinava
Atónita bramir; tapa os ouvidos,
E os sempre abertos olhos, não cansada,
Mas já vencida, fecha. Mal resiste

Aos fulminantes raios da Verdade
Com. que tu lhe apareces, com que mostras
Do sacro Vaticano a lei divina,
Do luso Trono o resplendor sagrado.
Envergonhada já, da negra boca,
Entre espumas de sangue, mil blasfêmias
Fanática vomita, e descorada
Ao fraco peito as víboras da Inveja
Enroscadas no braço convulsivo
Aplica, e aos remorsos condenada
Do falso rito quebra as torpes aras.
Já reconhece justo o zelo santo
Dos sagrados pastores que benignos
Tantas vezes em vão pios clamaram.
Apareceste, já o negro espectro
Da infame Rebeldia que impaciente
Lhe atormenta a memória c'os delitos,
C'os infames delitos revoltosos
Que do clemente Rei os bons desígnios
Contentar intentaram, que, insolentes
Iludindo as leis santas, pretendiam
Ingratos sacudir o doce jugo.
Enfim, Senhor, tu lhe acudiste
Com paternal amor, do cativoiro
As oprimidas almas libertaste:
Ao pedestal da estátua de teu nome
Pendientes fiquem os grilhões quebrados.
Mas, que súbito medo, discorrendo
Pelas veias, o sangue me congela!
Palpita o coração, a voz não chega
Às secas fauces! Vejo, não me engano,
Pelas praias vagar do pátrio Tejo
Um espectro cruel de monstro horrendo!
No medonho semblante lhe sibilam
Entre chamas azuis negras serpentes;
Os olhos coroscantes, convulsivos
A toda a parte vira; a curva fouce
Da morte traz na mão com sangue tinta;
Três vezes a cabeça sacudindo,
Sobre a areia soltou negro chuveiro
De víboras raivosas, que silvando
Ora estendem a cauda, ora se enroscam;
Lá das línguas farpadas sacudindo
Colérico veneno, inficionavam
Os ares de Lisboa. És tu Discórdia:
Pela horrível traição estás chamando.
Mordendo os negros beiços, louca brada
Pela fúria cruel, té que do Inferno
Com medonho ruído se quebraram
As férreas portas; negro, espesso fumo

Té a lua subiu, em que revolvem
Raivosos furacões, negros coriscos.
Saiu o negro monstro com dons rostos
Mas, cobarde, outra vez quer retirar-se.
Não pôde, porque os passos lhe impediam
A má Hipocrisia, a triste Inveja,
A vil Cobiça, a ríspida Soberba.
Ali bramindo, ali funesta liga
Alucinada juram; já preparam
Instrumentos mortais, o ferro e o fogo
Nas fracas mãos lhe brilha tristemente
Com que a Pátria assolar pretende o Inferno;
Correm traidores pérfidos, que infames
O régio sangue com furor derramam.
A Pátria clama, clamam as virtudes
Do grande e justo rei, clamam favores
Pelos mesmos ingratos recebidos;
Mas em vão clamam, os cruéis não ouvem.
O Céu, o Céu ouvia do aflito Remo
O justo pranto, manda que o socorras.
Tu, que nasceste para ser dos vícios
Aspérrimo censor, tu lhe acudiste,
Carvalho excelso, pai dos Portugueses,
Com a pronta justiça, acautelada.
Os duros ferros mordem furiosos
Já os monstros cruéis, a consciência
De seu próprio remorso atravessada
Em vão lhe dita os meios fraudulentos
De negar o delito cometido.
Juram, blasfemam, té que convencidos,
Cheios de confusão e de vergonha,
Com as vidas no infame cadafalso
Vão purgar a sacrílega maldade.
Assim a Pátria salvas, assim quebras
Da vil ingratidão as duras armas:
Assim conservas forte e justiceiro
Da santa paz as aras venturosas
Em que jurar teu nome já podemos,
Se coroas tem o Céu para as virtudes.
Mas, que faustos, Senhor, que monumentos
A teu nome erguerá o reino luso
Se quiser transmitir toda a ventura
Dos nossos dias aos vindouros dias?
Que versos ou que mármore, que estátuas
Contar-lhe poderão as leis sagradas
Com que os Vícios domaste? Os feios Vícios,
Que Fúrias são do Averno, atropelados
Das leis com que os fulminas, de raivosos
A dura terra mordem; a Aleivosia
Rasgando a torpe máscara se esconde

E o teimoso litígio da Discórdia
Apaga a feia chama. Enfim de Témis
A teu lado se adora a santa imagem,
A balança fiel tu lhe equilibras,
Na mão lhe pões o refulgente estoque;
Tu fazes que se tema e se respeite
Sem que seja de nós aborrecida.
A Virtude promoves, a Virtude
Com que a cerviz a todos nos ensinas
Com que nos mandas desejar a Glória,
Aquela Glória que, na boa idade
Das antigas façanhas portuguesas,
Os Castros ensinou e os Albuquerque
A expor a doce vida pela Fama,
Que adornou teus ilustres ascendentes
Das heróicas virtudes que hoje vemos
Transmigradas em ti, ou excedidas;
Das que forças te dão para susteres
O formidável peso dos negócios
Que o grande Rei te entrega, que resolves
Pelas mesmas Virtudes regulado;
Que eterno te farão nos nossos peitos,
Sem que a torpe lisonja se misture
C'os públicos louvores que te damos
C'os grandes elogios que mereces.

SÁTIRAS

I

Coridon, Coridon, que negro fado,
Que frenesi te obriga a ser Poeta!
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos séculos dourados,
Quando achavam Mecenas bons engenhos?
Não sabes que das Musas portuguesas
Foi sempre um hospital o Capitólio?
Viste já que seis urcos arrastassem
Em douradas berlindas um Poeta?
Não escreve Lusíadas quem janta
Em toalhas de Flandres, quem estuda
Em camarins forrados de damasco.
Quanto mais que esses versos que assoalhas
São trovas de que os doutos escarnecem,
Sem que lhes valha o título estrondoso
Com que talvez pretendes baptizá-los:
Odes lhes chamas tu; eles murmuram
Não sei de que palavras. Outro dia
Me disse Fábio, o douto, o longo Fábio
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no alcaide falaste, e nos bugios,
Nos descalços trombetas, termos chulos
E vedados a mélicos cantores.
Pois um Matúcio, o falador Matúcio,
Que inda mais livros leu de quantos teve
Ptolomeu e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pesada cabeça te martela:
Que fúria te tentou com tal alcaide?
Antes tribuno, ou já lictor dissesses,
E, se sabes Francês, *sergent*, seria
Enfeitar o teu cepo mais à moda...
Mas tu não falas? Calas-te? Que dizes?
Que hei-de dizer, Calfúrnio? Que já cedo
Como Horácio aos prestígios de Canídia?
Que as mãos te dou a ti e aos bons letrados,
Licurgos e Ulpianos de palavras,
Com que me alegas, com que me intimidas?
Que alegre borrarei o nome de Ode
Dos versos meus, que por desastre viram?
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da pena, que maneo tão ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquisam!
– E não fora melhor que te deixasses
De uma arte desgraçada, que os prudentes

Já calvos Salomões, Padres Conscritos
Aborrecem, desprezam e condenam?
Almotacel que queiras ser de um bairro,
Excluído serás sendo poeta.
Antes de ti se diga que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelónio teve quatro de honras.
Antes de ti se diga que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as vestais; que em vão juraste;
Que és bruxo, delator, que és um falsário:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo douram riquezas; mas poeta!
É fúria sem remédio, é cão danado,
Todos o apupam, todos o apedrejam.
Tu andas pelas ruas mui contente,
Com teus grandes canhões, impertigado,
Inda que baixo e fusco, vás cuidando
Que reparam em ti, que todos dizem
Com o dedo mostrando a má figura:
«Eis o grande Poeta que nos trouxe
A galante invenção de versos soltos,
O contágio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a seita dos Sonetos.»
Mas quanto, Coridon, quanto te enganas!
É certo que te apontam; mas bradando:
«Lá vai o novo Horácio autor da ode
*Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide.*» - Circunspectos
Embicando no *varra*, e mais no *alcaide*,
Põem as mãos na cabeça. Clamam que odes
Nunca viram com termos tão rasteiros,
Pensamentos que foram condenados
Nos rústicos escólios de Lucílio.
— Basta, Calfúrnio meu. Ante os juízes
Que tão boa sentença proferiram
Quisera retratar-me, e te prometo
De abjurar o estilo que seguia.
Buscarei novas frases, novos termos,
A língua falarei de Palainhos;
As minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro que nunca mais lhes falte
O sonoro zão zão dos consoantes,
Majestosas ideias sibilinas,
E outros tais atavios com que arreiam
Suas composições esses bons mestres,
Mas tu que tens a dita de pisares
O pórtico sagrado de outra Atenas,
Que és estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcádia,

Descendente do Adão do Grande Monte,
 Que larga as cãs de prata no Mondego,
 Por Ancião famoso e conhecido,
 Vai, e por mim o Oráculo consulta.
 Pergunta se também o Venusino,
 Clara estrela polar, o velho Horácio,
 Errou na opinião desses Cujácios,
 Quando chamou sem pejo dentro em Roma,
 Ante a face de Augusto, em suas Odes
 Garridos espadões a mil eunucos,
 Ao bom Áfio chamou vil usurário,
 A Mévio fedorento, mastim a outro,
 Bruxa a Canídia; se varou em terra
 Seu baixel alteroso quando disse
 De um mau liberto, pródigo e soberbo,
 Que fora do verdugo c' o azorrague
 Nas costas fustigado até incharem
 Ao gritador porteiro as cordoveias
 Do vermelho pescoço que suava.
 Não te falo na velha desonesta,
 Que os falsos arrebiques lhe caíam
 Pelo verde semblante descorado,
 Como o vermelho barro no alto monte
 Em laivos se derrama, quando a chuva
 Principia a correr em enxurrada...
 – Repara, Coridon, que nessas Odes
 As palavras que alegas são latinas...
 – Logo pode em Latim dizer-se *preco*,
Porteiro em Português é condenado!
 Ora, Calfúrnio, vai-te; em paz me deixa,
 Que nem me lembro já de tais doutores,
 Qual o grande rafeiro que seguindo
 O dono vai sem reparar nos fracos,
 Insolentes cachorros da cidade,
 Que ora lhe ladram, ora lhos açulam,
 Mal lhe volta o focinho arreganhado,
 E o liso agudo dente que branqueja
 Qual a fouce da Morte os intimida.
 Justo porém será que tu lhes digas,
 Que varra cada qual sua testada,
 Que assaz borbulhas tem para coçar-se.
 Que seus versos não leio, que não leiam
 Eles os versos meus, odes ou trovas.
 Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
 Co' a importuna lição dos meus poemas:
 Na Arcádia os leio; alguns de seus Pastores,
 A quem verde era cinge e adorna a fronte,
 Pejo não têm de lê-los e aprová-los.
 Que se guardem de mim, porque se peço
 Ao campeão de Apúlia a longa espada

Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De seus célebres nomes esquecidos,
Ilesa deixarei: serão cantados,
E fábula do povo em toda a idade.

II

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de S. Lourenço

Não posso, amável Conde, sujeitar-me
A que às cegas se imitem os Antigos;
Quero dizer, aqueles Portugueses
A que hoje chamamos Quinhentistas.
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes poetas; qualquer deles
Foi discreto e foi sábio; enfim as Musas
Lhe embalaram o berço, e lhe cobriram
Com murta e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
À culpa original: têm suas faltas,
Têm seus altos e baixos, têm sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um pedante,
Que vá por onde for há-de segui-los,
Que há-de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom ou mau, isso que importa?
O ponto está que o diga algum daqueles
Que Craesbeeck imprimiu: há maior teima?
As Graças são muchachas, são risonhas,
São fáceis, são suaves: eles querem
À força pôr-lhe brancas e bigodes,
E não lhos sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o pior, mas não imitam
Os versos mais canoros e correntes,
A sisuda dicção, a frase pura;
Aquele ático sal que não conhece
Quem nunca viu o Pórtico de Atenas,
Sequer em caixas ópticas pintado:
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristófanes, Sófocles e Safo,
Sem que fique de fora o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, necessitas
De calças e gibão? Se hoje saíesses
Com jaquete e golilha, quem seria
Tão sério e tão sisudo que pudesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe, gritando, que imitavas
Os distintos Avós que dos Noronhas
A prosápia exaltaram generosa
Nós séculos passados. Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com sossego inalterável

Nos grandes corações. Ora esta regra
Corre a nível da altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fértil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o Inverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquilo que pensamos. A energia
Do discurso e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na força:
Salvo conforme aos gárrulos Trovistas,
Que não te chamam justo, sem chamar-te
Ou robusto ou augusto; inda que, sábio,
Detestas a lisonja. O raro Apeles,
Rubens e Rafael, inimitáveis
Não se fizeram pela cor das tintas:
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, se não há discernimento,
E reina a affectação! Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Atenas,
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente e sábia embasbacar nos gestos
Do mono petulante. Muito pode
A opinião, a teima ou o capricho!
E o Pedantismo pode mais que tudo,
Pois arrasta a Razão, pisa a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Voa por esses ares, sobe ao cume
Onde a vaidosa Ideia ergueu o templo
Da fantástica Fama. Ali se abraça
A Soberba e a Vaidade co'a Preguiça:
Vive a Ignorância ali, dali pretende
Ditar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebatou?
Que Demónio me inspira alegorias,
Sem permissão do Tribunal Censório
Dos críticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado;
Há pragmática nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, Poesia,

Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver Poetas mirrados, se a abstinência
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portugueses, Cristãos velhos,
Acaso são Gentios, como foram
Píndaro, Homero, Sófocles, Virgílio,
Para inventarem cousas inauditas,
Fábulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatelas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredado,
Um rebanho de cabras, dons pastores
Com cajado e surrão; uma pastora,
Que se está vendo na água: há melhor cousa?
Quem pode fazer mais? Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou deslocado,
Sem gramática a frase, sem pureza,
E sem graça a dicção; ou enfim tudo
Sem conexão, sem ordem, sem juízo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha, e que as palavras
Sejam humildes, velhas, e caducas,
Sequer de quando em quando. Ah Senhor Conde!
Se isto é ser poeta, bom poeta
Eu o prometo ser em pouco tempo.
Mas tu, Senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do Deus louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pai no Desembargo;
Mas é preciso grande génio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite; ali se faça branco
O cabelo que foi ou preto ou louro.

III

De um novo frenesi hoje enlouquece
Quase meia Lisboa, e vai lavrando
O mal como em rebanho que engafece.

Alça-se cada dia um novo bando
De Poetas, e praga tão daninha
Anda os campos de Apolo devastando.

Não fica planta, fruto, flor, ervinha
Sem ser abocanhada; maior dano
Nunca fez a lagarta em qualquer vinha.

Cada um deles sem pejo e muito ufano
Mais versos num outeiro só vomita
Do que fez Tomás Pinto em todo um ano;

Este daqui o empulha, este outro grita;
Mas ele a cantilena leva avante,
Pois lhe basta que um só – «bravo»! – repita.

Sofra-os muito embora essa ignorante
Caterva, que em tropel a ouvi-los vem
Com boca aberta e preito semelhante.

Façam-lhe rodas mil, vivas lhe dêem;
Então mais se é Romance ou se é Soneto,
Que a tais beijos alfaces tais convêm.

Com semelhantes couros me não meto;
Mas não posso tragar que eles persigam
Os que distinguem bem branco do preto.

Mil remoques bernardos que lhes digam,
O fugir deles como de empestados,
É em vão para que eles os não sigam,

E como sanguessugas aferrados
Jamais deixam os pobres miseráveis
Sem de sangue ficarem esgotados.

Ah, Destinos cruéis! Ainda julgáveis
Por poucos nossos males e catarros,
Agudas febres, velhos intratáveis?

Presumidas mulheres e masmarros
Com vãos flatos de doudos faladores,
Não bastavam, assaz, sem tais galfarros?

Mas perguntai a um desses parladores,
Muito cheio de si por ter brindado
Com descante a uns olhos matadores,

Ou àquel'outro, com o dedo apontado
Por haver vinte glosas repetido
A certo consoante endiabrado:

Que Horácios, que Aristóteles têm lido?
Que Virgílios? que Homeros? que famosos
Antigos exemplares remexido?

Vereis com que risadas desdenhosos
Vos respondem, talvez com sentimento
De vossos crassos erros lastimosos:

– «Nunca foi gregos versos meu intento
Ou latinos compor; nem a Poesia
Requer estudo, mas veia e talento.»

E logo para prova vos enfia
Uma lauda de nomes e apelidos
Em que furor, sem letras, só havia;

Nomes só dele e de outros tais sabidos,
Que quando a boca abriam nos outeiros
Sempre eram como oráculos ouvidos.

Ó gente a mais feliz! Pois que os primeiros
Sois que aprendeis por gíria, que ainda vemos
O ofício dar nas trovas dos barbeiros.

Mas daqui que procede? Que nós temos
A cada passo versos tão boçais
Que nem suando sangue os percebemos.

Vós, Édipos que enigmas desatais,
E vós, que os caracteres nigromantes
E sibilinos versos disfarçais,

Vinde e vereis em quão breves instantes
Vos desfaço essa fútil vaidade,
Só com dez ou catorze consoantes:

Aqui não há segredo, nem verdade
Ocultas, há só palavras campanudas
Que a cruel Rima puxa sem piedade.

Um simples termo que a este xadrez mudas,

Já se tornam insulsas frioleiras
Cousas que se inculcavam por agudas.

As expressões do vulgo mais rasteiras
Vêm travadas com outras na sentença
Que ferem as estrelas derradeiras.

Olha, com que irmandade e sem dif'rença
Vão Odes, Elegias e Epigramas,
E tudo o mais que casa sem dispensa;

Mas se por ser Poeta assim te inflamas,
Dize, bom homem, quem te fez deixar
Acrósticos, Enigmas e Anagramas?

Também tinha o *Romance* o seu lugar,
De quando em quando a *Outava* o tinha,
A *Quintilha*, o *Elogio lapidar*.

Porém *Éclogas*? Cuidas que a cabrinha,
O cajado, o surrão, o arrabil,
O dizeres *bofê, ca, homê, asinha*;

Que o falar Bieito, Brás, Gonçalo, Gil,
Que a vaca mansa, a ovelha, o pegureiro,
Basta a formar o estilo pastoril?

Meu amigo, outro officio! O de gaiteiro:
É alegre, senão, vai-te à tabua.
Não val' mais conversar sempre ao soalheiro?

Ser Poeta não é coisa comua,
É dom divino que génio apoucado
Nunca pode alcançar por mais que sua.

Mas este mesmo dom sem ser guiado
Pelas regras da Arte, ao precipício
Corre, como cavalo desbocado.

Que julgas tu? Que a Arte o seu princípio
Teve em subtis caprichos? A Razão
É sobre que se firma este edificio.

Oh, se não fosse assim, um charlatão
Dentro em dois meses, sem temor, ousara
Talvez dar Epopeias à impressão.

O estrangeiro Drama se mostrara
Com muito maior pejo do que agora,
Se a atrevida ignorância o estro peara.

E se o muito bom fora, então embora
Lucilo ao grande Horácio preferira,
E melhor que Virgílio Mévio fora.

O falador Crispino repetira
Com boa aceitação seus versos frios,
E nem um bocejara, outro dormira.

Porém cheios de todo os grossos rios
Correm, quando os ribeiros claros, puros,
Se derivam com doces murmurios.

Uns versos morrem logo, outros, seguros
Do tempo e da inveja, estimações
Merecem bem aos séculos futuros.

Vêde-o nos Sás, Ferreira e Camões:
Mas é que nestes houve a rija lima
Que o grão Flaco inculcava aos seus Pisões.

Nestes, doutrina e arte igual se estima,
No conceito e dicção igual nobreza,
Não parava o cuidado só na rima.

Era o seu melhor livro a Natureza,
Onde mil raras graças profundavam;
Não havia a corrente, vã presteza;

Assim, grandes, pequenos, respeitavam
O seu alto saber; as gentes rudes
Entre as cerradas trevas se ilustravam;

Eles tornam mais belas as virtudes,
Eles fazem que sempre te conheçam,
Vício torpe, por mais que as formas mudes.

Daqui vem que respeito e amor mereçam
Ante os Reis e Heróis; que os mais famosos
Se lastimam que Homeros lhes faleçam,

Os indómitos tigres, os raivosos
Liões, que após de si mansos traziam,
Não são contos de velhas fabulosos:

São os Povos ferozes que despiam
Sua antiga braveza, e a luz brilhante
Da Justiça e Razão na alma imprimiam.

Que generoso espírito ao ver diante

Bela imagem de feitos excelentes,
Não aspira a que a Musa illustre o cante?

Dom raro! Dom divino! Que dif'rentes
São hoje os teus efeitos! Que desprezo
Entre o vulgo profano hoje não sentes!

Não trato de um tal vulgo cujo peso
De razões não se estima. Doutro falo
Mais ridículo sim, porém mais teso:

O Matagentes, digo, o que o cavalo
Fez da Fama, ou o Rábula chamado,
Que justiça acha tudo, alto, imenso,

Que lança aos borbulhões o mascavado
Latim da boca, e que entre mil dif'renço
Pelo ar pedantesco e impanturrado;

Ou aquele que com fervor intenso
Ao som de um «Ergo» raivoso se engrila,
Que qual sombra de rogo o faz suspenso,

E pois na ruiva letra da Postila
A vista consumiu, quer que o soframos
Se, insensível bruto, em tudo fila.

Desta cáfila doida é que tomamos
Os dictérios, apodos e as afrontas
Com que os pobres Poetas regalamos.

E Poeta, diz um em suas contas,
Ou é louco bufão, ou comedor;
Quer bom sejas quer mau, o mesmo montas:

Camões e o Capa-rota trovador,
Fraternalmente correm sempre iguais
No juízo de um tão sábio censor,

Pois tudo é ser Poeta; e se algum mais
Trovas faz, melhor é! Deusas do Pindo,
Porque tantos ultrages não vingais?

Vêde que o ócio torpe consumindo
Vai tanto engenho claro que pudera
Ir bárbaros costumes destruindo;

Mas que Anfião, que Orfeu algum fizera
Se entre os vis trovadores consumir-se
A discricção modesta, não temera?

Ah, não! Musas, fazei que a dividir-se
Chegue o ouro da escória, e que do engano
Possa até o vulgacho enfim despir-se!

Goze em paz, só, ditoso, soberano,
De Poeta o que ornou a Natureza
Do que há mais peregrino e mais ufano.

Goze da justa glória e da grandeza
Tal espírito, e sejam sepultados
Os fanáticos loucos na vileza;

Pelas ruas, com vaias e apupados,
Os rapazes lhe tirem dos vestidos
Té serem da mania melhorados:
Quando não, nas Casinhas recolhidos.

DITIRAMBOS

I

Os brilhantes trançados enastrando
Com verde mirto, com cheirosas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzelas,
A quem vos ama,
Da crespa rama,
Que Bassareu
Ao Mundo deu,

Co'as brancas mãos no copo cristalino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rúbico Sabino.
Eia, voai,
Deitai, deitai!
Gró gró, tá tá,
Que cheio está:
Ora brindemos
Às gentis Graças, castos Amores:
No mar lancemos
Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de coradas nuvens afumados
Vejo em torno girar os negros montes:
Cândida espuma
De purpúreas fontes
Ferve e se enleia
Na crespa veia
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas,
Das balsas espinhosas,
Mil caprípedos Sátiros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vêm saltando,
A terra c'o ruidoso pé trilhando.
Síncinas coreias
Bistónidas feias
Formam bradando:
– Evoé, Saboé.
Amores inspira
O doce Leneu:
Amores bebamos.

Do peito lancemos
Os sustos, temores.
Nos copos já temos
As Graças, Amores.

Evoé,
O Padre Lieu.
Saboé,
Evan Bassareu.

As fêrulas protervas coriscando,
Entre as cervinas peles maculosas
Derramam brilhantes
Trémulas estrelas,
Sobre as soltas, belas
Fulguricrinantes
Tranças pampinosas.
Das tirsígeras Tiadas raivosas,
Corício escutando
O frígio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.

Sobre o prado ameno
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do ebrifestivo copo que trasborda
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo rosto,
O cheiroso rubi, o quente mosto:
Encrespou o nariz, e sacudindo
Os húmidos bigodes, ficou rindo,

Evoé,
O Padre Lieu.
Saboé,
Evan Bassareu.
Com tirso potente,
Em carro luzente
De tigres puxado,
Dourando este dia,
Desterra o cuidado,
E traz alegria.

Evoé,
O Padre Lieu.
Saboé,
Evan Bassareu.

Os copos brilhantes
O bom Nictileu

Em brindes retinem,
E Amor adejando
Co'as asas rorantes
Se está mergulhando
Em ondas brilhantes,

Evoé,
O Padre Lieu.
Saboé,
Evan Bassareu.

II

Baco, Elpino, cantemos; dá-me o Brómio;
Oh que bem que ele soa! Eu toco; canta:
Baco, Baco, evoé.
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta
O estrépito sonoro
Da confusa Timele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta:
Baco, Baco, evoé.

Os olhos tens chorosos; sonolento,
Estúpido o semblante; rubicundas,
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:
Cambaleias? Tu caís? Elpino, caís?
Ah! Já sei: os sintomas bem conheço.
Oprime-te a ambrosia,
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.
Doce Padre Lieu, acode, acode,
Acode ao teu Elpino:
Baco, Baco, evoé.

Vem, vem, ó Ditirambo, se as alegres,
Crepitantes Leneias te não prendem,
Se afogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces;
Vem, vem, que eu te prometo
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as antestérias:
Vem, vem Baco, evoé.
Mas que ouço! Escuta, Elpino:
Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares!
Descendo pelas roscas grita avara.
Bom sinal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Um vulto pelos ares vir batendo
Compridas asas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos:
Ah! já na terra poussa:
Vamos, Elpino, ver.
Um odre, um odre!
És tu Baco, evoé.
Elpino, toma, bebe

O valente elixir que nos restaura
Das passadas fadigas,
Que aquece os frios membros,
Que faz vermelho o velho descorado,
Que alegra a mocidade,
Que o sono concilia.
Elpino, toma, bebe:
Baco, Baco, evoé.

ROMANCES

I

À feliz aclamação do Senhor Rei D. José I, de gloriosa memória

Subi, Senhor, ao Trono lusitano
A restaurar a perda de um Monarca
Que chora Portugal, para que seja
Alívio da saudade a semelhança.

Aceitai os obséquios da lealdade,
Que o Reino vos tributa e vos consagra,
E em recíprocos votos a ventura
Ilumine de amor a nobre chama.

Arda nos corações que a augusta ideia
Das heróicas virtudes nos abrasa,
Debuxando o Protótipo dos cultos
A imagem da Justiça, que se exalta.

Aclama, Lísia, o Númen respeitado
Que a régia sucessão o Ceptro chama:
Ouçam medrosas nos remotos climas
O Augusto Nome as nações estranhas.

Ásia rica, teatro das vitórias
Que o luso esforço consagrou à Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas Palmas.

Nas entranhas da América opulenta,
Ao brilhante metal, délfica chama,
Para diademas vos formar eternos,
Vivifique em preciosas abundâncias.

Na bárbara região de África adusta
Temerosa a ousadia mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruína que o Tejo lhe prepara.

Os ecos bastarão do vosso Nome
Para que Europa toda, atenta e sábia,
Na construção do estático sossego
De Portugal respeite as alianças.

Moderem os impulsos da piedade
Das justas leis a execução sagrada,
Sem que a justiça ao mérito se negue,

Sem que o delito indómito se faça.

Na disciplina militar se ensaia
O luso braço, que empunhando a espada
Será nobre terror dos inimigos,
Será da Pátria invicta segurança.

Na protecção das letras felizmente,
Do vosso influxo a erudição renasça:
Os Virgílios, os Túlios se descubram,
Que até'gora Lisboa oculta avara.

Doutas máximas, éticas doutrinas,
Ministros sejam das acções preclaras
Que entre os mistérios da razão de Estado
Hão-de mover as bélicas campanhas.

Enfim, Senhor, a glória portuguesa,
Que Europa admira, que respeita a Ásia,
Torna a brilhar nos âmbitos do Mundo,
Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioso,
Do Mundo espanto, admiração da Pátria,
Ostentem para assombro do futuro
O ouro lemas, os pórfidos estátuas.

Vivei, reinai; o Tempo vos respeite
Ou absorto ou rendido, enquanto a Fama
No templo da Memória vos desenha
Eternos bustos, ínclitas medalhas.

II

«– Desce, ó santo Himeneu; a sacra teia
Nos altares do Amor brilhante suba;
Em ardores recíprocos se abrasem
Constância, Discrição e Formosura.

Acenda o fogo a prónuba Deidade,
E nas mesmas prisões dois peitos una;
Ericina os coroe de amaranto,
Espalhe Anteros as virentes murtas.

Entraí, ó felicíssimos Consortes,
No templo entraí, que fausta pira busca
Duas almas unidas na firmeza,
Dois corações concordes na ternura.

Deixai que a chama toque os nobres peitos,
E que as duas vontades fiquem uma;
A fé jurai, perdi a liberdade,
Que Amor convosco assim protesta e inculca.

Aí tens, fino amante, a bela Esposa,
Que hoje te entrega o império da Fortuna,
Generosa, discreta, ilustre, amável,
Mimo dos fados, ídolo das Musas.

Naturais perfeições despreza sábia,
Em mais sublimes prendas sendo culta,
Porque no Lácio idioma e no materno
Com rara erudição falando lustra.

De Apeles e de Zêuxis a memória
Em tão ditoso século caduca,
Que a ilustre contendora os escurece,
No airoso rasgo da melhor Pintura.

Ali tens, ó Esposa esclarecida,
O venturoso amante que te busca;
Heliotrópio feliz do maior astro,
Que o orbe admira nas esferas lusas;

Afável, erudito e generoso,
Com ilustres acções, mostra a profunda
E douta ideia, da melhor prudência,
Com que os dogmas políticos computa,

De méritos tão raros convencido
O sábio Rei da vencedora Prússia,

A chave lhe entregou dos interesses
Que entre as razões de Estado se regulam,

O sábio Rei, dos Césares e Títos
Retrato o mais fiel, efigie augusta,
Que a base de estandartes lhe garante
E que a fronte com livros lhe circunda.

Venturoso Ministro, que sustenta
Do magnânimo Rei a glória suma!
Vantagem das nações, honra da Pátria,
Na estimação que a Corte lhe tributa.

Apertai, pois, Consortes adorados,
Ternos laços de amor e de ventura;
Tocai os corações no amável fogo;
Sacro licor na pira se difunda.»

Assim cantava às húmidas Deidades
Glauco, vestido de espadanas brutas;
Escutavam librados sobre as ondas
As focas e os tritões da salsa bruma.

Buscam todos o tálamo ditoso;
Deixam nas águas círculos de escumas;
E os corações que em mãos limosas erguem
De nova cor adornam, rubicunda.

As filhas de Nereu pérolas trazem,
Que ao leito nupcial finas ajuntam;
E para altar propício dos Amores
Tétis o estofa de manchadas plumas.

Ao concurso marítimo seguindo
Cupido sobre o tálamo figura,
Abrindo as asas, pavilhão ao leito,
E entre as penas as setas guarda ocultas.

Corre Juno as cortinas; Vénus lança
Os aromas no fogo. Alegre, a turba
Das marinhas Deidades se recolhe
Nas cavernas do pélago profundas.

REDONDILHAS

I

MOTE

*Marte, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os soldados desta era
Trazem por moda uma roca.*

GLOSA

Se queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de paisano a vida,
Senta praça de soldado.
Traz chapéu cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro contigo.
Pois é moda tal castigo,
Marte faze-te da moda.

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria,
O pelouro que assovia
E que mata de repente,
Nem petardo que, estridente,
À dura porta se aferra:
Busca o desprezo da guerra
Com torvo, irado semblante.
Faze-te forte chibante,
E teus amores desterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos cassuletes,
Sem rabichos, nem topetes,
Tresandavam mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A roca brandindo fera
Mostrar que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
Que os soldados desta era.

Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões

Não têm da roca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes coca
Em trajes de Cruz-Diabo,
Nos mostram por moda o rabo,
Trazem por moda uma roca.

II

MOTE

*De que me serve o querer-te,
Nem tam pouco idolatrar-te?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem a lograr-te?*

De que me servem gemidos
Ao Céu vãmente espalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marília, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos só por mover-te,
Chegam, cruel, a ofender-te;
Se nada enfim me desculpa,
Antes, o querer-te é culpa,
De que me serve o querer-te?

De que me serve? Que vale,
Que o pranto meu pesaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale?
Grite, murmure ou me cale,
Nada chega a magoar-te:
Quem é que pode abrandar-te?
Se para, ingrata, mover-te
De nada serve o querer-te,
Nem tão-pouco idolatrar-te.

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da tirania
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado;
Vejo em lágrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujeitos
Teu duro império rendeu;
Nada, Marília, valeu
Sujeitar-me a teus preceitos.

Mas é tal o meu tormento,
Que hei-de com gosto sofrê-lo;
Pois imaginar perdê-lo
Inda é maior sentimento.
Não, Marília, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te;
Antes escolhe encontrar-te

Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te enfim compassiva,
E vir outrem a lograr-te.

III

MOTE

Tudo faz o Padre António

I

A negra Melancolia
Com os olhos no chão postos,
Suspiros, pranto e desgostos
Sobre os mortais difundia:
Quando a risonha Alegria
Aparece a tempo idóneo,
E, como o brando Favónio,
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre António

II

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas aflições
Com o instrumento canoro:
Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aónio;
Fazes descer do Telónio,
Por te ouvir o Deus luzente,
E tu fazes... Finalmente
Tudo faz o Padre António.

IV

CANTIGAS

Do campo de Rio-frio
Já vieram os soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes e carniceiros,
Arrastam duros canhões,
Ameaçando ruínas,
Incêndios, roubos, traições.

Com pífaros e tambores
Nos atroam os ouvidos:
Os fundos vales, os montes
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Desampararam traidores,
De linhas e batarias
Se espantaram os Amores.

De improviso se levantam
As brancas asas abrindo,
Ora nos ares suspensos,
Ora às estrelas subindo.

As setas, que lhe caíram,
Ficam no campo pisadas,
Rotos os sonoros arcos,
As vendas despedaçadas.

Sucesso tão lastimoso
Andam as moças carpindo,
Soltos os louros cabelos,
Descorado o rosto lindo.

Nas curvas margens do Tejo,
Que lambe a crespa corrente,
Para onde fugiu Amor
Perguntam tristes à gente.

Pelos ásperos outeiros,
Com seu pranto rociados,
Umam bradam por Cupido,
Outras praguejam soldados.

A seus fêrvidos gemidos
O pobre não lhe responde;
Antes com pânico medo
Até das moças se esconde.

Teme que até nos paisanos
– Galharda gente mimosa! –
Se ateie o fogo voraz
Da feia guerra estrondosa.

Nunca mais com brando rogo,
Com recíprocos suspiros,
Sujeitará corações
A seus laços, a seus tiros.

Fugiu Amor, escondeu-se,
Levou consigo a alegria:
Murcharam-se as lindas flores,
Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quiser saber onde
Escondido Amor está,
Venha ver de Lília os olhos,
As frechas de Amor verá.

Ah! fecha, Lília, teus olhos,
Não deixes sair Amor,
Enquanto ouvires das armas
O desabrido fragor.

Espera que a Paz dourada
Tomando ao colo os Amores,
Com os cocares dos elmos
Empenem seus passadores.

Deixa que ardidos ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bélicos sagres,
Arrastem curvos arados.

Então, à sombra dos ramos
Que estende o carvalho anoso,
A casta pomba arrulando
Chamará o fido esposo.

Então co'a fruta sonora
Modulando em desafio,
O teu nome ensinarei
Às mansas águas do rio.

V

ENDECHAS

A duo

Pastora.

Quem amor não tem
Não tem coração:
De branda afeição
Alma se mantém.

Pastor.

Mas quem amor tem
Serve à crueldade,
E da liberdade
Não conhece o bem.

Pastora.

De dous corações
Recíprocas dores
Dos gentis Amores
São arco e farpões.

Pastor.

O lindo volver
De uns olhos rendidos
Em peitos feridos
Derrama o prazer.

Pastora.

Deseja dizer
Balandando o cordeiro
No vale, no outeiro,
Que sabe querer.

Pastor.

O pego do mar
À praia nas fragas,
Quebrando mil vagas,
A vem abraçar.

Pastora.

Que bom fora Amor
Se fora leal;
Mas é grande mal,
Que seja traidor,

Pastor.

Se em Amor não há
Singelas tenções,
De enganos, traições
Quem não fugirá?

Pastora.

Bem posso mostrar
Quem te ama fiel.

Pastor.

De quem é cruel,
Que devo esperar?

Pastora.

Se me amas, pastor,
Sou fida pastora.

Pastor.

Se não és traidora,
Já creio em Amor.

Ambos.

Que doce prazer
Não sente quem ama:

Pastora.

Tão suave chama
Deixemo-la arder.

VI

ENDECHAS

Em mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixam, Licoris,
Depois que teus olhos
Os meus cativaram,
E me sujeitaram
A tanto rigor.

Se tratas assim
Com tal tirania
Quem por ti se inflama,
A quem te não ama
Que mais lhe faria
O teu desamor?

VII

CANTIGA

Cuidava que Briolanja
Era branda, como bela,
Cuidava que era marmanja,
Mais terra do que vitela.

Mas ai, ai, ai,
Ela é cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura
Que onça esfaimada,
Loba malvada,
Que na espessura
Degola as rezes.

VIII

CANTIGAS

Feitas ao Divino Espírito Santo, no ano em que serviu de Imperador um Filho do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. José de Alencastro

I

Almo Espírito divino,
Deste Império protector,
Inflama os devotos peitos
De que foste Criador.

II

Tu Paráclito te chamas:
Fonte viva e sempiterna,
Incêndio de caridade,
E dedo da mão paterna.

III

Do estelante Empíreo desce,
Nas asas de Sarafins:
Anjos, Tronos te acompanhem,
Potestades, Querubins.

IV

Já com vozes incessantes
Três vezes Santo te aclamam,
E de tua imensa Glória
A majestade proclamam.

V

Abram-se as portas do Céu,
Enche de luzes a terra,
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os desterra!

VI

Venham em nosso socorro
As celestes legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

VII

Mil coriscos vomitando
Caia o Dragão furibundo,
Que acesas fauces abrindo
Deseja tragar o Mundo.

VIII

Derrotadas as catervas
Do caliginoso bando,
Em nossas roxas bandeiras
A vitória está brilhando.

IX

Sobre a dourada coroa
Do devoto Imperador
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

X

Enquanto de nossos olhos
Teu lume santo for guia,
Confessarão os Infernos
Deste Império a soberania.

XI

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trevas
O ruído dos tambores.

XII

Em triunfo campeando
Cantaremos a vitória,
Té ver de Sião os muros
Cobertos de imensa glória.

XIII

Seguindo tuas bandeiras
Em teu serviço alistados,
Foliões e Imperador
Somos de Cristo soldados.

XIV

Armados do lume teu,
Rutilante escudo forte,
Esperaremos constantes
A curva foice da morte.

XV

Se nossos votos te agradam,
Se escutas nossos clamores,
Sobre a casa de Alencastro
Chovam os teus resplendores.

XVI

Entre cândidas virtudes
Com ilustre heroicidade,
Esmalta os brasões do sangue
Magnânima caridade.

XVII

Qual o pelicano terno
Que, o peito de ouro rasgando,
Está c' o sangue das veias
Os filhos alimentando,

XVIII

Assim a grande alma ilustre,
Em celeste amor acesa,
O coração rasgará
Para acudir à pobreza.

XIX

Nos sólios da eternidade,
Que oculta tanto mistério,
A desejam ver c' roada
Os vassalos deste Império.

IX

DÉCIMAS

O sol do teu claro rosto
Que alegre me amanhecia,
De pranto num mar já posto,
Me roubou a luz do dia.
Fez anoutecer o gosto,
Deixa-me em sentimento
Em espinhos, em abrolhos,
Todo o meu contentamento,
Por me faltarem teus olhos
Neste triste apartamento.

Ah, terna Aónia, a dourar
Estes campos com teus raios,
Vem minha alma resgatar
De tantos mortais desmaios.
Mas, que faço em te chamar?
Não te dói minha aflicção,
E só, ingrata, vieras
Se, capaz de compaixão,
Tanta mágoa tu tiveras
Como tem meu coração.

FALA DO INFANTE D. PEDRO

FALA

Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portugueses, querendo-lhe levantar uma estátua pelo seu bom governo, o que ele não consentiu

«Não, lusitano povo, eu não consinto
Que estátua ao meu nome se dedique:
O amor da Pátria, o zelo da Justiça,
Não sede de mandar ou da vanglória,
Me fez tomar as rédeas do governo:
Se fui clemente, justiceiro ou pio,
Obrei o que devia. É mui pesada
A sujeição do ceptro; e quem domina
Não tem a seu arbítrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumprir-las;
Mas não pode alterá-las. É o Trono
Cadeira da Justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar fica sujeito
À mais severa lei; perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestável, sacrílego delito!
Quando no horizonte o Sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguém a admira, todos o conhecem;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustam,
Todos o observam, todos o receiam.
Logo, se premiei sempre a virtude,
Se os vícios castiguei, nada mereço.
E não queirais, Vassalos generosos,
Lisonjeiros tentar minha constância
Honrosa estátua pertendendo erguer-me
Porque bem vos regi; pois eu não devo
Condescender convosco: infamaria
Da alta virtude as máximas constantes
Com que austero empreendi do régio Trono
O acesso defender aos vícios torpes.
Se dele afugentei sempre a Mentira,
A Lisonja infiel, o astuto Engano;
Não queirais ofuscar minha memória,
Provocando-me a colocar no Sólido
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão da lisonja. A fama ilustre
Deve durar na tradição, intacta,
Sem a nota de frágil. Fora imprópria
A glória que me dais se nessa estátua
Descobrissem os séculos futuros

As máculas horrendas da vanglória.
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconselhados,
A mesma estátua que quereis, atentos,
Agradecidos, hoje levantar-me,
Amanhã se veria derribada
Em pedaços jazer, com paus e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna
Ligada co'a Inveja e co'a Soberba
Não deixa durar muito os elogios.
Porém se vós, ilustres Portugueses,
Desejais conservar meu nome eterno,
Não é preciso o mármore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos
Com fiel saudade transmitida.
Este o jaspe, este o bronze em que pertendo
O meu nome esculpir: chegue aos vindouros,
Sem perder o carácter que o fez grande.
Lembre-se o benemérito do prémio;
Recorde-se o culpado do castigo;
Todo o Reino do público descanso,
Em florente comércio, em paz segura.
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga que rejeitei modesto
As honras de uma estátua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merecê-las,
Também sabe atrever-se a desprezá-las.»
Acabou de falar, e os circunstantes,
Imóveis e calados, pareciam
Outras tantas estátuas dedicadas
À regência feliz do sábio Infante.

EPITÁFIO

Aqui jaz um malhado, bom rafeiro,
Aquiles dos mastins da Fonte Santa,
Amigo do seu dono verdadeiro,
Que nestes versos inda triste o canta.
Valente, cavaleiro, namorado,
Morreu de amor, de brincos estafado.

VARIANTES

EPÍSTOLA IV

Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Sebastião José de Carvalho e Melo

Se em teus ombros constantes, firmemente,
O sólio português feliz descansa;
Se a forte mão nos olhos da Justiça
Ata a sagrada venda; se repartes
Co'as ilustres acções o justo prémio,
Co'os vícios detestáveis o castigo;
Se ditas as leis santas que seguram
O público sossego; se co' o exemplo
Promoves a virtude, – pecaria,
Carvalho excelso, a distrair com versos
De tão nobre tarefa o teu cuidado.
Porém, Senhor, se é justo: que a Verdade
(Que abertos acha sempre os teus ouvidos)
Uma vez te entretenha co'os louvoros
Que todos te rendemos: Mazzarino,
Richelieu ou Colbert, se enquanto vivos
A Pátria levantaram, nem por isso
Deixou o cego vulgo de increpá-los.
Foi preciso que a morte lhe escrevesse
Na fria campa os nobres elogios.
Porém tu, entre nós vivo e presente,
Mereces e consegues que te louvem.
Louvamos-te, Senhor, porque refreias
A cruel Ambição, a torpe Inveja,
A Lisonja infiel, o Dolo infame,
A malvada Soberba, a vil Preguiça.
Louvamos-te, Senhor, porque levantas
A destroçada Pátria das ruínas,
Porque a queres melhor, porque a despertas
Do nocivo letargo da indolência.
O comércio florescente, que d'riges
E que as forças lhe aumentas, nos promete
Uma nova ventura, não sonhada
Dos antigos errados interesses,
Com malícia somente combinados.
Rompendo as feias sombras da mentira
Vem raiando a Verdade; o torpe rosto
Tapa co'as mãos o Engano, e despejado
Do crédito sofisticado, confuso,
Vai fugindo de nós e do teu nome.
Assim depois da feia tempestade
Que os mares agitava, que encobriera
A clara luz do Sol com pardas nuvens,

Torna a romper o dia mais sereno,
Mais alegre e formoso; e no afastado
Inda escuro horizonte ir-se escondendo
Os chuveiros observa o navegante.
Longo tempo oprimido e manietado
Pela inércia infeliz, no leito algoso
Jazeu o Grão-Pará: o Céu guardado
Tinha para ti só que lhe rompesses
As pesadas algemas; logo o vimos
Abrir os grossos braços, revolvendo
O corpo entorpecido, e fora d'água
Alegre sacudir as cãs de prata.
Recolhe as ricas proas, que ditosas
Mostram que o mar lhe aplaca o teu auspício,
Teu auspício, Senhor, que nos restaura
A já defunta glória portuguesa.
Nem sempre o pátrio Tejo como escravo
Há-de sofrer as quilhas estrangeiras,
Que as auríferas veias lhe sangravam,
Que as forças lhe abatiam, – que soberbas
Não exigiam câmbio, mas tributo.
Nem sempre os nossos campos escalvados
Hão-de incultos jazer; o curvo arado
Já rasga a fértil terra, e em novos sulcos
A mão do lavrador lança a semente:
Já ondeiam nos montes mais agrestes
As compridas searas; pelos vales
Pascem, ao som das frautas dos pastores,
Os brancos e castanhos armentios;
E enquanto guarda as cabras petulantes
A simples pastorinha, do faiscado
A não tingida lã tira, cantando
A sombra do teu nome. As boas artes
O luso reino a povoar acodem.
Elas, Senhor, farão menos preciso
O inútil luxo, d'antes animado
Pela falsa tenção de estranha gente.
A honra, o bem comum, os interesses
Da já feliz nação, com teu amparo
A infalível sistema reduzidos,
Nova glória conseguem. Minho e Douro,
Que os roxos frutos de Lieu produzem,
Guardam nos altos choupos enredados
As vides retorcidas, sem que vejam
Colher alheia mão os doces cachos.
Mas que fastos, Senhor, que monumentos
Te pôde Lísia erguer? Se acaso! intenta
Saudosa transmitir toda a ventura
Dos nossos dias aos vindouros dias
Que versos, em que mármore, que estátuas

Mostrar-te poderão? As leis sagradas
Com que o crime domaste; aos mesmos versos,
Que, abusando da cómica virtude,
Os vícios difamando os ensinavam,
A rústica licença lhes calaste;
O Ódio, o Latrocínio, o Adultério,
Que monstros são do Inferno, atropelados
Da luz com que os fulminas, de raivosos
A terra dura mordem. A Aleivosia,
Rasgando a torpe máscara se esconde,
E o teimoso litígio da Discórdia
Apaga a negra chama. Enfim de Témis
A teu lado se adora a santa imagem;
A balança fiel tu lha equilibras,
Na mão lhe pões o refulgente estoque:
Tu fazes que se tema e se respeite
Sem que seja de nós aborrecida.
E se eu de ti me valho, a ti recorro,
De tão raras virtudes persuadido,
Só porque vejo que jamais costumás
O trabalho deixar sem recompensa;
Que amas e que premeias todo aquele
Que serve ao grande Rei com honra e zelo,
Ou que é útil à Pátria, que trabalha
Por imitar o exemplo generoso
Com que ao público bem te sacrificas;
Não culpes, não, que a requerer me atreva
A meus débeis serviços justo prémio.
Eles efeito são de zelo activo
Com que a servir a todos nos ensinas,
Com que nos levas a buscar a glória,
Aquela glória que na boa idade
Das antigas façanhas portuguesas
Os Castros ensinou e os Albuquerque
A expor a doce vida pela fama;
Que adornou teus heróicos ascendentes
Das distintas virtudes que hoje vemos
Transmigradas em ti ou excedidas;
Das que forças te dão para susteres
O formidável peso dos negócios
Que o grande Rei te entrega, que resolves
Pelas mesmas virtudes regulado,
Que eterno te farão aos nossos peitos
Sem que a torpe Lisonja se misture
Co'os públicos louvores que te damos,
Co'os grandes elogios que mereces.

Escrita em 1757, esta epístola foi eliminada pelos parentes do poeta quando publicaram as suas obras depois da sua morte. Publicada na *Folha do Povo*, n.º 542, de 8 de Maio de 1882.

Transcrição de Fernando Moreira baseada na edição de 1778 e na edição de Roma, confrontadas com a edição de António José Saraiva (Lisboa, Sá da Costa, 1958). Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
